

A ROUPA E O ESTILO COMO EXPRESSÃO DE UM CORPO- APARÊNCIA “DISCRETO”

Resumo: O trabalho analisa como a roupa e o estilo funcionam como dispositivos de composição de um corpo-aparência que se enuncia a partir de mecanismos de apropriação e ressignificação de uma norma de masculinidade gay dominante. As narrativas de frequentadores da boate operam atribuindo sentidos e significados às políticas do vestir em um cenário urbano circunscrita da noite gay fortalezense. Palavras chave: Roupa; Corpo-aparência; Discrição.

Abstract: Work analyzes how clothing and style work how hum body composition devices - appearance what is enunciated the mechanisms of breaking of appropriation and reinterpretation of a standard gay dominant masculinity. As club goers Narratives operate attributing meanings and significances at policies to wear hum circumscribed urban scenery gay night of Fortaleza. Keywords: Clothes ; Body- appearance; Discretion.

Introdução

O texto compõe um fragmento de um capítulo de uma pesquisa que se intitula Meetidos: o monta/desmonta de Corpos, Performances e Identidades gays na boate Meet- Music & Lounge e que se centra na análise dos modos de fabricação e montagem de uma modalidade de corpo que é gestado pelos movimentos da noite no espaço da boate e que se expressa a partir da composição da aparência e da elaboração de uma performance específicas. Tais elementos atuarão como mediadores das negociações dos atores nas ambiências da boate, constituindo um aspecto significativo na produção das sociabilidades aí engendradas.

Proponho-me pensar como os processos de composição de uma aparência tomam a roupa e o estilo como elementos catalizadores de um *ethos* “discreto”, associado de aparência e de gestualidade incorporados por um modelo gay dominante e que no espaço da boate se processa via agenciamento corpo-espço, levando em consideração as paisagens da boate, concretizadas em espelhos, nas ambiências do lugar, no mobiliário, no som da música, na iluminação e como tais elementos funcionam como dispositivos que

acionam o processo de composição dessas masculinidades meetidas, nome alusivo a uma categoria êmica de uso corrente entre os frequentadores da boate e que na pesquisa foi apropriada para pensar os signos e os significados que estão associados a esse grupo e que garantem uma coerência e um formato específico para ele.

Procuro, nesse sentido, partindo de uma analítica das falas de alguns frequentadores do espaço, compreender como se gestam os movimentos de apropriação e incorporação de elementos materiais e imateriais que comunicam significados de descrição que dão o tom para algumas masculinidades que são confeccionadas nos espaços da boate. O conjunto do material empírico, composto de entrevistas semidiretivas com frequentadores da casa e registros de uma experiência etnográfica possibilitada no período de imersão no lugar, forneceram os instrumentos metodológicos possíveis para esboçar uma problematização acerca de corpos, aparências e masculinidades no contexto de alguns cenários noturnos de centros urbanos.

Composições de uma Aparência Meetida

As falas trazidas abaixo constituem quatro interpretações de frequentadores da boate Meet, espaço sobre o qual essa comunicação pretende dialogar em especial no que diz respeito ao modo de vestir de uma parcela significativa do público que frequenta o espaço e como ele opera classificando, hierarquizando e naturalizando as diferenças do lugar. A boate Meet- Music & Lounge encontra-se localizada no bairro da Varjota, na cidade de Fortaleza. O bairro é conhecido historicamente na cidade pelo lazer noturno local, dividindo seu espaço com restaurantes, barzinhos, estabelecimentos comerciais, prédios residenciais, o que viabiliza uma variada e agitada vida noturna nessa mancha da cidade.

- As pessoas que andam lá têm uma vestimenta muito padrão. Todo mundo vai de calça, calça jeans de uma tonalidade mais escura. Muito difícil ver alguém fugindo disso. Um sapatênis, um tenizinho. Aí a questão da camisa e da blusa que varia um pouco. E também tem a questão do cabelo. Muitos deles mantêm um padrão heterossexual de ter aquele corte normal, usual, é, como é que eu digo, social ou então raspar logo a cabeça. Muitos deles mantêm esse padrão **(entrevista realizada com João, estudante de Direito).**

[...] - o que eu visto são tons mais neutros, nada com brilho, nada espalhafatoso. Assim, eu até acho legal outras pessoas usando, mas em mim acho que não combina. Eu procuro uma golinha “v” no máximo, assim, nada muito extravagante, nada chamando atenção eu não gosto (entrevista realizada com Pedro, estudante de engenharia).

Klisman: - E engraçado é que as marcas elas são muito voltadas para esse público gay “machudo”, sabe. Eu acho, gente, eu acho muito engraçado. Eu vou numa vitrine da Calvin Klein, eu olho assim, é a MEET.

Adrian: - Vamos listar as marcas que saem muito lá na MEET:

Klisman: - Calvin Klein, Animale, Colcci (demais), Lury Costa, Diesel, Armani, sabe, e ostentação. A camisa tem que ter muito logotipo, sempre. Se não tiver logotipo, não tá valendo. Que eu acho um horror! Ou então aquele nome bem grande no centro Calvin Klein Jeans.

Adrian: - Ah, eles adoram o nome da marca bem...

Klisman: - Também não pode deixar de considerar: Hollister, Abercrombie, Aeropostale. Essas marcas são bem típicas de lá, sabe. Agora menos. Mas, digamos que, no geral, seja isso. Quando uma coisa se populariza muito, aí eles param de usar, entendeu? É bem perceptível isso. **(entrevista realizada com Klisman e Adrian, ambos estudantes de moda).**

Quando João expõe em sua fala que muitos dos frequentadores da boate mantêm um padrão heterossexual e explicita essa padronização no modo de composição da aparência que opta por apresentar-se valendo de *shapes* mais equilibrados e que dispensa, por exemplo, o uso de sobreposições e roupas mais largas que não demarquem partes dos corpos onde supostamente os sentidos do jogo da sedução são mais investidos, inferimos que as escolhas dos agentes são orientadas a partir de uma gramática específica que estrutura as relações sociais no interior da boate e que se utiliza da apropriação de alguns códigos aparentemente inocentes e arbitrários para homogeneizar um tipo de aparência que atua como referência para as demais que ainda não se familiarizaram na rede de códigos que viabilizam as interações.

Quando Pedro justifica a sua escolha nem um pouco arbitrária pelos tons mais neutros, opondo o que ele chama de neutralidade na composição do

look a como ele aponta roupas brilhosas que ele vê como espalhafatosas, demonstrando que lugar ele tem interesse de se posicionar nas trocas simbólicas que entram em disputa na boate. Ele estabelece uma “certa medida” que atua como orientador e balizador dos investimentos dos atores que devem ser referenciados no modelo gay dominante e que, a partir das vivências no lugar, se constitui em um elemento fortemente percebido nas sincronias das escolhas que são empreendidas pelos agentes que acabam por se tornarem, no campo das aparências, muito semelhantes entre si.

A fala dos dois estudantes de moda que além de antigos frequentadores da casa hoje ocupam outra posição no espaço, a de DJs, é interessante por trazer uma categoria ainda não mencionada, a do “machudo” bem como por associar o nome de algumas marcas famosas aos clientes-frequentadores da boate. A categoria do “machudo” por ser compreendida em termos nativos como o gay que se esforça em não dá pinta, em não dá close, tanto em termos mais visuais, na composição cuidadosa de uma aparência que se aproxime do modo como a mídia constrói e prescreve um tipo de masculinidade dominante, como em termos mais comportamentais e performáticos, expressa no cálculo de movimentos, de trejeitos que não ultrapassem o que lugar prescreve nos códigos de comportamento e interação como um limite. A performance do gay machudo é cuidadosamente calculada em suas ocupações na boate, desde o momento da fila, em que se gesta um primeiro tipo de interação ao instante em que se instala no bar ou passa a portar uma bebida e o controle gestual corre mais risco de se desequilibrado.

Outra ponderação que se é feita na fala dos DJs é quando eles enumeram algumas grifes masculinas, direcionadas para um público de um padrão aquisitivo mais elevado e que cultivam uma imagem de masculino muito próxima a publicizada por essas mesmas grifes que são geralmente de homens brancos, heterossexuais, de classe média, urbanos e que cuidam da aparência, mas que se preocupam em ponderar nesses cuidados a partir do estabelecimento de um limiar entre o que está dentro da medida e aquilo que excede essa medida.

Podemos inferir a respeito do caráter dessas falas que tais clientes-frequentes percebem a existência de uma padronização no modo de enunciabilidade das subjetividades na boate, que se expressa na apropriação de um conjunto de signos vestimentares que, quando performatizados, garantem um grau de pertencimento e identificação a uma modalidade de masculino que, nas dinâmicas da boate, se circunscribe a partir da: (a) montagem de um corpo-aparência discreto que se perfaz em cores mais escuras, mais sóbrias; (b) em modelagens que evidenciam mais a plasticidade do corpo; (c) na evidência dada aos nomes de marcas. Unidos a outras táticas e marcadores, esse conjunto de significados é acionado para a produção de uma “performance discreta” no contexto das sociabilidades das quais participam homens gays na cidade de Fortaleza.

Políticas do vestir:

roupa como Cultura, Técnica e Documento/monumento

A roupa como expressão mais próxima do sujeito constrói juntamente com ele o conjunto da aparência que atuará no processo de identificação da pessoa com o mundo. A estilização de nossas aparências fala algo de nós, nos expressa. A roupa, cumprindo sua função integralizadora e individualizante no processo de socialização e individualização dos sujeitos, atua na arquitetura de um corpo-aparência que vai sendo montado para ser inserido em uma determinada ordem social, em uma determinada cultura.

As vestimentas, nesse sentido, possuem forte poder simbólico, constituindo um dos primeiros atos de cultura do indivíduo. O mito do gênesis é revelador para compreender essa fala. “Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais” (Gênesis 3:7).

A materialidade da folha apresentando um corpo vestido traz à tona uma cadeia de signos que insere o homem na cultura. O homem, assim, ao descobrir sua nudez perde sua natureza divina e se torna terreno, temporal, tornando-se, assim, sujeito de cultura. Geertz (2008) afirma que:

o conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de

significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (2008: p.4).

Apreendemos dessa inferência que somos homens enredados numa teia de sentidos, valores e expectativas que constitui, no contexto das diversas sociedades, a cultura. A cultura nesse aspecto é um aparato referencial, uma relação entre a ação e os materiais de um lado, e os sentidos e possibilidade de reflexão sobre estes, por outro. Em seu aspecto semiótico, a cultura perpassa nossos mais elementares acontecimentos no mundo. Logo, o ato de significação do qual faz parte o vestir-se está amalgamado de um conjunto de expressões que definem uma determinada cultura no tempo e no espaço. Assim, não nos vestimos, não construímos signos estilísticos que nos identificam baseados no nada, mas nessa teia de significados que nós mesmos tecemos da qual nos afirma Geertz mais acima. Assim, “o vestir envolve gestos, comportamentos, escolhas, fantasias, desejos, fabricação sobre o corpo (e de um corpo), para a montagem de personagens sociais coletivos ou individuais, exercendo assim comunicação, exprimindo noções, qualidades, posições, significados” (MOTA, 2008).

Interpelando a cultura como esse aparato semiótico que atua nos processos de significação, deve-se considerar como a roupa, enquanto elemento de cultura, se apresenta também a partir de um artefato social, na medida em que ela se relaciona a um uso, a uma técnica de fabricação e a um significado, processos que estão ligados à cultura. O uso está relacionado a um processo de apropriação do sujeito da vestimenta. O uso pressupõe uma escolha. A técnica diz respeito ao conjunto de procedimentos utilizados que tornaram possível aquela vestimenta. Assim, o esculpir a materialidade de um tecido, procurando criar os contornos do corpo de uma pessoa exige a adoção de métodos para tornar isso possível.

Então, podemos dizer, que esses processos estão ligados a elaboração de um corpo social, demarcado por noções de tempo e espaço, demonstrando que por mais que queiramos nos desligar completamente do

tecido social atribuindo um caráter deliberado às nossas escolhas acabamos nos percebendo fatores e feitura dessa teia.

O travesti, nos casos paroxísticos, o disfarce, a moda, a atenção ao enfeite, o corpo nu que se constrói e que se mostra, tudo isso pode ser interpretado em função de uma “cosmetologia” transcendente. Assim como isso foi feito pela multiplicidade das práticas corporais de dominante terapêutica, seria preciso mostrar que, atrás de cada uma das diversas situações sociais referentes a essas maneiras de vestir ou desvestir o corpo, encontra-se uma figura arquetipal representando uma imagem ou uma força coletiva (MAFFESOLI, 1996, p.172).

A partir de uma reflexão e um desdobramento mais conceitual e analítico em torno da categoria roupa, podemos problematizá-la no texto a partir da dimensão que assume como um documento/monumento quando passamos a compreendê-la como patrimônio cultural. Le Goff (2003) afirma que o documento e o monumento são materiais que imortalizam a memória coletiva. A roupa para ganhar o estatuto de documento é preciso ser apropriada por alguém que confira essa qualidade a ela, demonstrando com isso que o documento está relacionado a uma escolha. Isso nos aponta que os documentos enquanto uma escolha estão ligados a relações de poder, evidenciando que história deve ser contada e sob que perspectiva a partir dos jogos de disputa que se encontram enredados nessa trama.

O termo documento vem da palavra *docere* e significa “ensinar”; já o termo monumento, origina-se da palavra *monere* que significa “fazer recordar”, o que sugere esse último como um vestígio, como um sinal do passado. Assim, o documento atua com uma função “didática” de contar e ensinar um tipo de história, que vai se tornando única e possível a partir dos usos e apropriações de uma memória coletiva. Já o monumento na tentativa de “trazer à memória” ou “fazer recordar” fixa no tempo e no espaço noções/imagens valorativas que estão ligadas também a relações de poder. Assim,

o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador (LE GOFF, 2003, p.535).

Portanto, compreendendo a roupa como uma construção histórico-social em que se levam em conta todas as condições nas quais ela foi feita e os discursos produzidos em torno dela, direcionemos nossas reflexões para a roupa enquanto elemento que atua na construção da subjetividade.

A roupa como marcador expressivo na composição do Corpo Meetido

Auxiliado pelo conjunto dessas reflexões acerca da roupa como produto da cultura e como mecanismo de construção de subjetividades, explicitemos como esses dispositivos operam no modo de fabricação/apresentação do corpo de uma parte de um público masculino que frequenta o espaço que investiremos nossas análises- uma boate voltada para um público gay e localizada em uma região nobre da cidade de Fortaleza.

Destarte, entender os modos de apresentação dos MEETIDOS, a partir da elaboração de um *look*, da combinação de peças que comuniquem discrição e “limpeza”, ajuda a pensarmos como esses sujeitos que se apresentam como gays “machudos”¹ constroem suas aparências a partir dos signos das cores, das modelagens, das marcas, pensando em uma roupa que aqui atua para demarcar e reafirmar esses signos bem como para evidenciar um “parecer discreto”. A roupa aqui veste o corpo do MEETIDO de significados específicos, garantindo visibilidade ao mesmo, dotando-o de formas de enunciabilidade claramente codificáveis no interior da boate. O corpo, sob o signo da roupa, preenche o espaço da boate a partir do uso de uma performance moderada que não deslegitime a imagem que se está querendo transmitir através da aparência. Afirmando que nesse espaço não só o corpo, mas a construção de uma aparência de MEETIDO é um valor que garante visibilidade ao sujeito, tornando possível seu “livre trânsito” no espaço, é possível falarmos de uma existência, que se torna legítima, na incorporação e na repetição de um *habitus* discreto, na afirmação ou negação dos olhares do outros.

O Corpo-aparência do MEETIDO é um corpo-aparência-performance autômato. Autômato, a partir do dicionário Aurélio, está relacionado à: 1. Maquinismo que se move por meios mecânicos. 2. Aparelho que imita os

¹ Aquele que performatiza o masculino, que redimensiona os signos culturais associado ao masculino. O machudo é o superlativo do masculino).

movimentos humanos. 3. Pessoa que age como máquina, sem vontade própria. O lugar, a música, a luz, os sentidos vão formatando um corpo-aparência que não se move, que só observa, só encena, só teatraliza para tornar possível o jogo de sedução, pois o jogo tem no corpo-aparência sua instância primeira e máxima.

Em território “meetiano”, os corpos-aparências se mexem tentando acompanhar os sentidos da música, simulando uma presença que se dá por meio de ausências, pois a gestação e a representação de eu “machudo” implica na morte de outras possíveis imagens que o sujeito camufla. A batida vai criando e possibilitando movimento aos corpos. Quando a batida é um pouco mais intensa, ou os sentidos da música se intensificam, o corpo-autômato se vê regulado no olhar do outro e nos espelhos que vão sustentando esse corpo-aparência em compassos perfeitos que garantem a discrição e a moderação.

A penumbra da casa, a ausência de luz, o escurinho vão possibilitando conformações mais fluídas nos corpos. Uma performance diferente, menos rígida, existe, é possível, mas é preciso atentar que os sentidos que movem a casa são aqueles que criam espaços limitados na atuação dos corpos-aparências no espaço. A representação de si alcança por meio do aparato social que é construído sobre si a verdade de um homem discreto, másculo, “machudo”, que “não dá pinta” e que busca no outro a mesma forma de representação que tenta sustentar sobre si.

As indumentárias se compõem a partir do uso de calças jeans, malhas ou regatas que evidenciam o corpo, marcando-o ou desnudando-o. O uso de cores mais neutras como o preto, o branco e o cinza reforçam ali a presença de sujeitos que parecem estar preocupados em representar-se, em apresentar-se discretos, a partir de técnicas de si que moldam esses corpos-aparências, convergindo-as para formas de comportamento que, culturalmente falando, são associadas às noções de centro. A roupa, a construção de eu masculino possui voz, porém ela sozinha para construir a representação de um corpo social se torna fraca, insuficiente, inaudível, na medida em que nossas representações não dependem só de elementos materiais, mas, também, de elementos imateriais, no qual insiro as gestualidades, as performances... A atuação de outros de si só é possível a partir de um conjunto de elementos,

criando todo um cenário para a hora da “estreia” do corpo meetido. A roupa serve para cobrir o corpo de significados. Tais signos procuram dar mais ênfase ao que está por detrás, ao que se encontra logo abaixo da materialidade da roupa. A roupa do MEETIDO, desse modo, acaba por atuar como entremeio, mediando às relações corpo/espço.

De vez em quando eu ouvia/ Eu ouvia a mãe dizer: "Ai meu Deus como eu queria/Que essa cabra fosse home/ Cabra macho prá danar" / Ah! Mamãe aqui estou eu /Mamãe aqui estou eu /Sou homem com H /E como sou!.. O “Homem com H” cantado por Ney Matogrosso nos revela como são construídas as noções em torno da existência de uma única forma de masculinidade e como são reforçadas e educadas na tentativa de formar um “Homem com H”. O “Homem com H” é o modelo para o gay MEETIDO, o modo como gosta de mostrar o corpo, como se expressa a partir de sua vestimenta, que aqui se dá por meio da identificação e apropriação de marcas estrangeiras, das pessoas das quais está acompanhado em uma noite na boate; do capital de beleza que porta dentro dos códigos que marcam corpos que importam e não importam; na bebida que bebe e exhibe como uma espécie de troféu compensatório; na performance que fabrica e incorpora; nas múltiplas formas como ele experimenta/ se experimenta na noite “top” gay da cidade.

Na MEET, o capital-aparência abre caminhos para os encontros. Os corpos-aparências libertam-se parcialmente de suas armaduras sociais e se “jogam” em um enlace com outros corpos. A estetização de um corpo-aparência, coberto de signos do “Homem com H” possibilita o corpo-aparência sair de uma condição de inércia e movimentar-se a partir de seus sentidos. Boca, língua, mãos, sensações, corpos são partilhados, divididos em troca da obtenção de um prazer mais concreto que racha a pesada fronteira de uma interação que se dá apenas pelo voyeurismo, a partir de uma dinâmica do ver e ser visto.

Considerações Finais

Os signos vestimentares e os signos expressos na ausência da materialidade da roupa mostram que as expressões do indivíduo a partir da fabricação de uma pele estendida são reveladores para se pensar na aparência

como uma forma primeira de comunicação. A dinâmica que uma boate cria não possibilita outras formas de apresentação que não perpassem o capital aparência.

Uma montagem/desmontagem de aparências que são corporificadas de acordo com as sinalizações que o momento vai criando revela que a existência social nesse lugar está assegurada por uma “constelação” de elementos que vão nos projetando para o outro.

Lembremos que o tegumento permite ao grão existir. Pelos, pele, penas, escama... garantem proteção e revitalização do corpo. É assim com o corpo social: a aparência é um elemento intrínseco de sua composição. O bom senso não se engana, quando vê no “estar bem em sua pele” o indício de um inegável equilíbrio. Torna-se a encontrar esse equilíbrio nas sociedades que sabem gerir bem os diversos jogos da aparência (MAFFESOLI, 1996, p.168).

As imagens contidas no site da boate registradas na ocasião de algumas festas promovidas na casa vão costurando uma imagem que é própria da casa e dos seus frequentadores. A imagem que é exposta procura fixar e identificar que representações, quais expressões figuram como valorativas e enunciadoras do MEETIDO.

No que tange ao binômio roupa-estilo, podemos afirmar há uma identidade mais fixa nesse modo de exposição do MEETIDO. O MEETIDO se utiliza da moda para resolver núcleos obsessivos de seu pensamento, parafraseando Simmel (2008). Ele negocia com o estilo que predomina na boate, rendendo-se em alguns aspectos e adotando um estilo mais padrão, mais unísono, porém “escapa” em outros aspectos, dando voz a uma polifonia que reflete uma natureza mais própria daquilo que ele é. A aparência do MEETIDO em suas múltiplas formas de anúncio vai concebendo um estilo MEETIDO.

O uso predominante de calças jeans em cores mais escuras, lavagens mais uniformes, modelagens mais justas aponta para composições que ressignificam um padrão que a cultura estabelece como único de masculinidade. As blusas, apresentando um caráter mais diversificado, revelando que há similitudes dessimilitudes nas dinâmicas que os sujeitos estabelecem com a casa. Cores, de uma maneira geral, mais neutras, apresentando vez por outra uma estampa; nomes de marcas que figuram na

maioria das vezes em uma posição de destaque; regatas, blusas de malha, algumas em gola “v”, blusas em estilo social, camisas gola polo, listras, xadrez vão sinalizando, desenhando uma cartografia para essas aparências, reafirmando um modelo fixo e homogeneizador no modus de vida desse gay *distinto*.

Assim, sujeitos complexos vão se reduzindo a “forma”, a aparência como primeira e às vezes única maneira de comunicar sobre si. A “forma” representativa se corporifica para dar sinais de realidade ou para criar uma realidade que está fundamentada na lógica da simulação de si. Roupas, cores, modelagens, marcas, cortes de cabelos, óculos, acessórios, a barba ou a ausência dela, toda a composição do *look*, em seu conjunto, “dão forma” aos sujeitos e informam os sujeitos. Deste modo, essa estética social passa por uma série de ritos para representar-se no “palco” da boate. A estética vai maquiando as aparências dos sujeitos, criando máscaras, efeitos de realidade que só a moderação ou a ausência completa da luz faz existir. Acho melhor pensar que todo esse conjunto também se configura como aquilo que constitui a experiência como um dos modos de habitar a boate. O que posso imaginar como efeito de realidade pode se constituir na própria realidade dos meetidos enquanto estão coreografando sentidos e significados em suas permanências na boate, onde os personagens que se constituem nos “Homens de Verdade”, nos “Homens com H” são os atores principais desse palco social, atuando os demais como meros coadjuvantes. Nesse jogo de corpos, aparências, performances e identificações a “verdade” do acontecimento se constitui naquilo que se vê em uma noite na boate.

Referências

- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das Culturas. 1ed., 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: História e Memória. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. [trad.]Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis:Vozes, 1996.

MATOGROSSO, Ney. Homem com H. 2007.

MOTA, M. D. B. Moda e Subjetividade: Corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. Modapalavra e-periódico, Santa Catarina, ano 1, n.2, p. 21-30, 2008.

SIMMEL, Georg. Filosofia da moda e outros escritos. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.